

Matrizes

ISSN: 1982-2073

ISSN: 1982-8160

matrizes@usp.br

Universidade de São Paulo

Brasil

Gerbaudo, Paolo; Romancini, Richard

Paolo Gerbaudo: a mídia digital e as transformações no ativismo e na política contemporânea

Matrizes, vol. 14, núm. 1, 2020, -, pp. 109-122

Universidade de São Paulo

Brasil

DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.1982-8160.v14i1p109-122>

Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=143066433002>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais informações do artigo
- Site da revista em [redalyc.org](https://www.redalyc.org)

Paolo Gerbaudo: a mídia digital e as transformações no ativismo e na política contemporânea

Paolo Gerbaudo: digital media and transformations in activism and contemporary politics

■ Entrevista com PAOLO GERBAUDO^a

King's College London, Departamento de Humanidades Digitais. Londres, Reino Unido

Por RICHARD ROMANCINI^b

Universidade de São Paulo, Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação.
São Paulo – SP, Brasil

DIRETOR DO CENTRE for Digital Culture do King's College London, onde trabalha como professor sênior em Cultura e Sociedade Digital, o sociólogo e teórico político italiano Paolo Gerbaudo possui doutorado em Mídia e Comunicação pelo Goldsmiths College, com a orientação de Nicky Couldry. Além da carreira acadêmica, também atuou como jornalista, cobrindo movimentos sociais, política e questões ambientais. Seus interesses de pesquisa relacionam-se ao papel das mídias sociais no ativismo contemporâneo; à transformação dos partidos políticos; ao populismo; à comunicação política, particularmente no ambiente digital; e às subculturas juvenis. Conhecedor e interessado na realidade brasileira, abordada em um de seus livros, *The mask and the flag* (Gerbaudo, 2017), no qual realiza uma análise global da onda de protestos (2011-2016) do chamado movimento das praças – que corresponde, no Brasil, às mobilizações de junho de 2013 –, Gerbaudo esteve novamente no país, em São Paulo, no início de março deste ano, sendo conferencista do evento “Living on the edge: studying conviviality-inequality in uncertain times”, promovido pelo Maria Sibylla Merian Centre Conviviality-Inequality in Latin America (Mecila). Nesta ocasião, falou sobre “A retórica do controle e o novo senso comum da era populista”, temática que se situa no âmbito de suas preocupações mais recentes, abordada em livro que está concludo.

Gerbaudo publicou até o momento, além de diversos artigos, três livros – *Tweets and streets* (2012), *The mask and the flag* (2017) e *The digital party* (2019), nos quais as conexões entre as tecnologias, particularmente digitais, e os processos

^a Professor do Departamento de Humanidades Digitais e diretor do Centre for Digital Culture, do King's College London. E-mail: paolo.gerbaudo@kcl.ac.uk. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-5319-7279>

^b Professor do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade de São Paulo. E-mail: richardromancini@usp.br. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-1651-5880>

de mobilização social e políticos, são analisados sob diferentes ângulos. Estes e outros trabalhos do autor são discutidos nesta entrevista para **MATRIZes**. Vale notar que os três livros mencionados estão sendo traduzidos para o português, e serão publicados, conforme a ordem cronológica original, pela editora paulista Funilaria, começando com *Tweets and streets* (que recebeu o título de *Redes e ruas: redes sociais e ativismo contemporâneo*), em fevereiro de 2021.

MATRIZes: Gostaria de começar a entrevista com uma pergunta provocativa: o fato de Manuel Castells, um entusiasta das mobilizações com o uso das redes digitais, ter assumido o Ministério das Universidades, na Espanha, justamente na cota do Podemos, tem, para você, algum valor simbólico quanto ao tema de suas investigações?

Paolo Gerbaudo: Sim, acho que a indicação de Manuel Castells como ministro da Educação Universitária na Espanha é uma ótima notícia para alguns de nós, porque ele é um cientista social muito famoso e respeitado e, por muito tempo, trabalhou em diversas questões que são bastante relevantes para cientistas sociais como eu; principalmente o papel dos movimentos sociais, sua transformação ao longo do tempo, a partir dos anos 1980, e, obviamente, a sociedade em rede, que é o tema mais famoso desenvolvido por ele em seus estudos, na trilogia da sociedade da informação e outros trabalhos. Ele tem sido uma figura muito importante para os Indignados e para o Podemos, sendo de certa forma um sociólogo que explicou o que eram esses movimentos, a ação tecnológica. Portanto creio que é, de certa forma, algo ótimo para ele, mas também principalmente para o movimento coletivo na Espanha e em todo o mundo. Ele é uma figura intelectual relevante e agora recebeu uma responsabilidade tão importante, e as primeiras coisas que ele já fez como ministro estão trazendo uma mudança muito positiva ao setor educacional espanhol, com bolsas de estudo para estudantes, com mais fundos para pesquisa. Então, sim, realmente saúdo sua indicação e acho que ele fará um ótimo trabalho como ministro da Educação na Espanha.

MATRIZes: Agora, falando dos seus trabalhos, você tem sido um observador do ativismo digital, defendendo que são os fatores políticos, culturais e sociais que dão forma ao ativismo e não as tecnologias em si. Gostaria de saber se a construção desse argumento foi eminentemente teórica ou se está relacionada a suas observações de campo. Em outras palavras, ao começar a pesquisa para *Tweets and streets* (2012), você já partia dessa perspectiva (que este trabalho e outros confirmaram), ou ela foi se construindo junto com a investigação empírica?

PG: Diria que minha pesquisa sempre foi orientada para um tipo de pesquisa empírica informada pela teoria de um modo que mescla as duas coisas: pesquisa empírica por um lado – pesquisa empírica profunda, para conhecer fenômenos sociais – e, por outro lado, conceitos, questões teóricas que utilizo para entender o tipo de dinâmica e a lógica de ação dos movimentos sociais, em particular, e os fenômenos políticos, em geral. Creio que esses dois polos não se opõem, na verdade, eles são fortemente complementares na pesquisa social. De certa forma, no início de minha pesquisa, por exemplo, nos meus estudos de doutorado, fui inspirado pela *grounded theory* como abordagem. Com a *grounded theory*, a ideia é que você inicie sua análise sem qualquer concepção teórica sobre o fenômeno que estuda e, em seguida, a teoria emerge organicamente a partir do seu envolvimento com o fenômeno, e então você a incrementa progressivamente. Você desenvolve e trabalha com uma hipótese e, em seguida, ela é confirmada, refutada ou aprimorada, filtrada, corrigida, até chegar a uma versão final da compreensão de um fenômeno humano. Na verdade, apesar de ter sido, de certo modo, minha inspiração inicial, não acho que fui um bom exemplo de acadêmico quanto à *grounded theory*, no sentido de que sempre fui informado por suposições teóricas; pois através da nossa leitura, do conhecimento de diferentes autores, de diferentes conceitos e teorias, inevitavelmente, levamos essas lentes para o estudo dos movimentos sociais, para a compreensão dos fenômenos que estudamos. No caso de meus primeiros estudos, por exemplo, sobre organização de movimentos sociais, fui muito informado por essas questões de liderança, horizontalidade e críticas a isso. Assim, pela minha sensação de que, de certa forma, esse paradigma não estava funcionando, diria que fui realmente informado pela experiência empírica, no sentido de que não era de maneira alguma a crença leninista ou hierárquica que estava trazendo para a pesquisa, mas era mais como perceber: “Veja isso, esse discurso não explica realmente o que está acontecendo”, o que estava acontecendo era uma forma diferente de liderança, certo? Portanto, tentei conceituar essa nova forma de liderança por meio desse conceito de liderança suave, coreografia de assembleia e muito mais. Então, basicamente, para tentar resumir, diria que a teoria e a pesquisa empírica, no que me diz respeito, sempre andam de mãos dadas, porque isso é inevitavelmente necessário.

MATRIZes: Os conceitos de “coreografia de assembleia” (*choreography of assembly*) e “líder suave” (*soft leader*), do livro mencionado, buscam ser uma alternativa teórica às metáforas de “rede” (*network*) (Castells, 1996, 2009) e de “multidão”, “enxame” (*swarm*) (Hardt & Negri, 2000, 2005). Você acredita que eles também possam ser aplicados a movimentos conservadores, com uso

significativo da tecnologia? Os softwares e a orquestração de robôs poderiam ser vistos como práticas de alguns dos “líderes suaves” (*soft leaders*) de direita?

PG: Acredito que essa ideia de liderança suave foi uma maneira de explicar cenários em que, especialmente nos movimentos sociais recentes, você não tem uma liderança pessoal forte – nesse sentido, há mais um tipo de liderança invisível. Então, a ideia de liderança suave era justamente para explicar isso: você tem liderança, sem ter líderes. Quando se trata de outros movimentos, principalmente os de direita, eles tendem a ter uma liderança personalizada, carismática. Eles são definidos por uma pessoa. Por exemplo, Salvini na Itália, Bolsonaro no Brasil ou Donald Trump, certo? Todos esses movimentos são liderados por figuras de liderança personalizadas amplamente reconhecíveis. Então, não diria que o conceito de liderança suave possa ser generalizado em todos os âmbitos. Assim, de certa forma, você tem uma liderança suave nos movimentos sociais e o “hiperlíder”, como descrevo no livro *The digital party*, nos partidos políticos; são dois tipos de líder, duas formas diferentes de liderança. Eles têm algumas semelhanças, porque essas duas formas de liderança tentam, de certa forma, não parecer liderança ou tentam parecer uma liderança carismática. Eles não são uma liderança formalizada, mas são dois tipos bastante distantes de liderança.

MATRIZes: Algo que em suas análises, desde *Tweets and streets*, conecta a mídia social e o protesto é o papel das emoções. Essa era uma perspectiva pouco trabalhada então, mas vários autores – como o próprio Castells, em *Networks of outrage and hope* (2012) – passaram a destacar esse elemento nos movimentos sociais recentes. O papel das emoções parece ter sido compreendido pela direita contemporânea, com o uso de slogans com forte apelo emocional como “Make America great again” (Trump), “Take back control” (Brexit) e, aqui no Brasil, com as mensagens dos apoiadores de Bolsonaro que tentaram criar ultraje a respeito do adversário. Creio que a campanha de Jeremy Corbyn tentou também utilizar um tom emocional. Mas, aparentemente, é a direita que, na política institucional, tem sido mais capaz de utilizar a linguagem das emoções. Concorda com essa avaliação? E como avalia esse aspecto?

PG: Sim, diria que, de certa forma, as emoções são universais na história da sociedade. Não há nenhum aspecto na sociedade que seja completamente sem emoção. De maneira precisa, Hegel disse que “nada de bom na história foi alcançado sem paixão”; e a paixão inclui muitas coisas, incluindo emoções, determinação, vontade e desejo. No entanto pode-se dizer que, por um longo tempo, de certo modo, as emoções eram uma tendência subterrânea na política, eram quase invisíveis, porque a lógica política dominante era tecnocrática, portanto,

baseada em um paradigma cognitivo de especialização, de especialistas bem informados que vão nos dizer o que é bom para a economia, o que é bom para a sociedade. Nesta fase de crise, com a ascensão dos movimentos políticos do populismo de esquerda e de direita, começamos a ver as emoções na linha de frente da política, com diferentes líderes tentando mobilizar desejos e medos muito profundos no eleitorado, utilizando uma linguagem emocional. A direita é muito boa ao fazer isso, inclusive porque muitas vezes é inescrupulosa ao mobilizar até os piores medos e preocupações do povo. A esquerda costuma ser fria ao fazer isso. Diria que Corbyn, de certa forma, emocionalmente... Ele era frequentemente criticado por ser pouco carismático, por ter problemas em se conectar com as pessoas e comunicar emoções, por causa de seu jeito formal e sério, e sua personalidade com compostura. Enquanto Boris Johnson, com uma personalidade tosca, ao mesmo tempo um tipo brincalhão e bastante cruel nos ataques, talvez tenha conseguido jogar mais esse jogo emocional. Diria que é fundamental para a esquerda reconhecer que as emoções são fundamentais para a política, que, se queremos vencer na política, não precisamos apenas convencer as pessoas, não precisamos apenas informar as pessoas ou apenas dizer a elas o que pensamos, qual é a verdade, qual é a linha certa. Também precisamos tocar o coração das pessoas e falar aos medos e às esperanças delas, seus desejos, porque isso é decisivo para a mobilização. Na verdade, as palavras “emoção” e “mobilização” têm uma origem semelhante, pois ambas se referem a “movimento”, ao mover, colocar as coisas em movimento e levar as pessoas a agirem.

MATRIZes: A sua análise dos avatares dos usuários de redes sociais (Gerbaudo, 2015) aborda esses objetos como “significantes meméticos” (*memetic signifiers*) que combinariam inclusividade e viralidade. Sua ênfase é no papel que esses artefatos têm na identidade coletiva, na construção de um sentido de *nós*, diferindo, assim, da teorização da “ação conectiva” de Bennett e Segerberg (2013), que destaca a personalização na atividade de protesto. Porém, você destaca que esse tipo de construção identitária corre o risco da evanescência. Minha questão é se, na atualidade, não podemos – para o bem e para o mal – estender o seu argumento para a grande maioria dos conteúdos gerados pelos ativistas nos ambientes digitais?

PG: Sim, diria que minha diferença com Segerberg e Bennet é que eles e muitos outros autores pensam que é positivo que estejamos indo além da identidade coletiva. E a identidade coletiva, que por muito tempo foi considerada uma condição para a mobilização do movimento social, não é mais uma condição; que as pessoas podem ser mobilizadas, basicamente, sem que seja pedido que adiram a um *nós*. As pessoas podem simplesmente ser mobilizadas

em nível pessoal, criando quadros de ação personalizados. Minha ideia é que não é o caso: que a identidade e a identificação coletiva ainda são muito importantes nos movimentos contemporâneos; na verdade, vemos a proliferação de identidades de todos os tipos. E, de fato, muitas vezes, os movimentos sociais são precisamente sobre a criação de uma nova identidade que as pessoas podem adotar. Pense em movimentos como “Yo soy 132”, no México, pense no “Me too”, que até no nome falam num *eu*, pessoalmente aderindo a uma luta, a uma causa. Pense nos “Gilets jaunes”, pense no “Occupy Wall Street”, “We’re the 99 percent”; sempre há esse tipo de ênfase no *nós*. E creio que há, de certo modo, algo nas mídias sociais que é muito eficaz para facilitar isso, precisamente porque, por um lado, é verdade que as mídias sociais são mídias pessoais, movidas por perfis e conexões pessoais, redes pessoais, mas esse não é o fim do processo. Isso poderia ser, de alguma forma, um ponto de partida para as pessoas se envolverem em processos de identificação coletiva. Por exemplo, dizendo, “Sim, sou um indivíduo, mas adiro a uma causa, adoto uma identidade”. E para mim, com memes de protestos e fotos de perfil de protesto adotadas por ativistas, isso é bastante claro. Ao mudar seu avatar para uma foto de perfil padrão do movimento, uma foto de protesto, por exemplo, a máscara de Anonymous, a imagem de Khaled Said ou adicionar um emblema de movimento ou causa ao seu perfil, as pessoas indicam, de maneira clara, que: independentemente do fato de você ser um indivíduo, você pode aderir, pode adotar outras identidades. E acredito que esse processo de evocação de um *nós*, em termos políticos, é de certa forma instrumental para a organização política.

MATRIZes: Em *The mask and the flag* (2017), você observa que o ambiente de mídia que favoreceu o movimento das praças mudou, e agora a “janela de oportunidade” que os sites das redes sociais representaram está fechada (p. 144). Você indica, então, a necessidade de que a discussão sobre a construção de plataformas que estejam sob o controle dos ativistas seja retomada. Mas como evitar que essas futuras plataformas tenham a mesma característica de “gueto” das infraestruturas criadas pelos pioneiros do ativismo digital? Em outras palavras, não se tornem um espaço de pregação para convertidos ou, como se fala muito hoje, “câmaras de eco” dos que já pensam de maneira similar, o que pareceria subverter a lógica do ciberpopulismo?

PG: Sim, creio que essa mudança foi decisiva nos movimentos sociais recentes, porque os movimentos sociais anteriores na era antiglobalização operavam com essa ideia da possibilidade de criar, de algum modo, um microcosmos, um mundo dentro do mundo, um mundo alternativo, no qual muitos mundos poderiam se encaixar. Como o Subcomandante Marcos concordaria, a ideia é

que você não pode mudar o sistema capitalista, o sistema dominante, mas você pode criar seu próprio pequeno enclave de resistência dentro desse espaço. E isso se refletiu em muitas práticas, por exemplo, na criação de espaços como centros sociais, comunas, campos de protesto; aquele tipo de lugar em que, dentro do espaço capitalista, as pessoas podem se reunir e criar práticas alternativas e conduzir uma vida mais de acordo com seus valores e crenças. E também se manifestou on-line, pelo fato de as pessoas criarem seus próprios sites, seus fóruns, seus espaços de autogestão e de uma vida autônoma. Agora, não há nada de errado nisso, acho que, de certa forma, é um aspecto importante de muitos movimentos sociais no passado. Por exemplo, as lutas raciais dos negros muitas vezes começaram dessa maneira, criando lugares clandestinos e subterrâneos onde as pessoas podiam falar, reunir-se e começar a formular ideias de resistência. No entanto, há um ponto em que os movimentos sociais que desejam mudar a sociedade não podem se contentar em apenas ocupar um oásis de resistência, dentro do deserto do capitalismo, e precisam realmente avançar para o próximo estágio de luta pelo poder, pela hegemonia, lutando pela sociedade mais ampla. Nos movimentos de 2011, esse tipo de objetivo político se manifestou na tentativa de ocupar as mídias sociais, como se fosse dito: "Precisamos usar esse espaço. É por meio desse espaço, que não é político, é comercial, é um espaço para a cultura pop, para a cultura de celebridades e propaganda; mas é um espaço em que milhões de pessoas estão discutindo e conversando, então precisamos, de alguma forma, ocupar esse espaço", para usar esse troço do tipo "Occupy Wall Street". Agora, porém, o problema é que, cada vez mais, parece que esse tipo de estratégia tem seus limites, porque, por um lado, a direita também ocupa esses espaços; muitos grupos do Facebook, muitos do YouTube, Twitter, foram ocupados pela direita, então, embora a esquerda tenha sido a primeira a reivindicar esses espaços, agora eles estão em conflito, em competição. Em segundo lugar, percebemos cada vez mais que os espaços para a expressão alternativa real on-line estão diminuindo cada vez mais, devido à crescente comercialização e à ênfase cada vez maior na monetização de todas essas plataformas. Então, o que isso significa é que antes o algoritmo do Facebook permitia que as pessoas vissem muito do que as páginas políticas estavam produzindo, agora, seu alcance orgânico, o número de pessoas que veem essas postagens em páginas políticas está diminuindo constantemente. Por quê? Obviamente, porque o Facebook quer que essas páginas paguem por visibilidade de modo, basicamente, a promover seu conteúdo. Isso significa que a visibilidade é cada vez mais cara em termos monetários para grupos políticos e ativistas e percebemos que, em geral, talvez tenhamos dependido demais das mídias sociais. Isso é, de certo modo, muito arriscado para um grupo político depender completamente de uma plataforma que um dia pode até

decidir cancelá-lo ou bani-lo, porque você não está cumprindo as diretrizes da comunidade. Então, qual é a solução para isso? Eu realmente não tenho certeza. Quer dizer, sei que há muitos ativistas tentando desenvolver plataformas alternativas e uma possibilidade é que novas plataformas, assim como plataformas comerciais, sejam mescladas e os ativistas possam migrar parcialmente para lá e ocupar esses espaços, para ter um espaço alternativo, caso as mídias sociais existentes se tornarem mais inóspitas. Mas diria que é necessário agora um tipo de estratégia multiplataforma e uma estratégia pragmática, na qual os ativistas basicamente usem tudo o que está disponível para eles, mantendo as pernas em diferentes canoas, para que, quando certos espaços forem fechados, eles possuam um espaço alternativo para investir.

MATRIZes: Na sua discussão da emergência dos “partidos digitais”, você argumenta que o que “O que define o partido digital como um novo tipo de partido não é simplesmente a adoção da tecnologia digital, mas o objetivo da democratização que a tecnologia digital é chamada a cumprir” (Gerbaudo, 2019, p. 14). Embora a definição certamente se aplique aos casos estudados (e você discuta os vários dilemas dessa democratização), ela não deixa de fora a possibilidade de partidos ou Estados com forte uso de tecnologias digitais e tendências autoritárias? Penso, para falar do caso brasileiro, no novo partido que o presidente Bolsonaro pretende criar, mas também no governo chinês e sua adoção de estratégias de monitoramento da opinião pública no projeto do chamado Social Credit System (Richeri, 2019). Noto que essa observação (quanto a deixar de fora os partidos de direita) também é feita na resenha de seu livro escrita por Hall (2019).

PG: Sim, então o que diria é que esse formato de partido digital com o objetivo de criar a democratização a partir da tecnologia digital é particular, específico de certos países: Espanha, Itália, parte dos Estados Unidos, Reino Unido e outros onde houve um movimento muito forte vindo de baixo, com as pessoas pedindo uma democracia real, um tipo diferente de democracia, distante da atual democracia que muitas pessoas sentiam ser ofertada pelos que estavam no poder. Agora, obviamente, não é certo que em outros países, em outros sistemas, em outros partidos, o objetivo da democratização esteja cumprido e, na verdade, a política digital também pode ser muito autoritária; como é definitivamente o caso de pessoas como Bolsonaro e muitos outros, em que a tecnologia digital é mais usada como forma de propaganda e persuasão, tentando, de certa forma, induzir o público a aceitar sua diretriz. Ou pode ser usado em uma espécie de situação de democracia plena, o que é não é o caso, simplesmente pelo fato de as pessoas estarem dando *likes* em posts, de compartilharem ou de darem algum

tipo de aclamação digital ao conteúdo político, que é bastante problemático em termos de uma prova de legitimidade. É o que Salvini está fazendo, ele está basicamente usando sua página política como uma espécie de máquina de referendo contínuo, em que ele usa um grande número de curtidas, as dezenas de milhares de curtidas que recebe em qualquer post, para alegar que tem as pessoas ao lado dele. Então, diria que, novamente, como foi o caso de *líder suave* ou de *hiperlíder*, o conceito de *partido digital*, uma ideia do uso da tecnologia digital para fins de democratização, é apenas em um cenário muito específico. Existem muitos outros paralelos, dependendo das circunstâncias políticas específicas e das organizações que estamos analisando.

MATRIZes: No seu recente comentário para o site State of Nature (<http://bit.ly/39ohzIW>), ao responder se as “mídias sociais se tornaram uma força divisória”, você nota que o debate sobre a mídia social e a política, de fato, teve um giro de 180 graus, passando de um tom bastante esperançoso sobre o potencial democrático para outro, pessimista, que tende a vê-la como uma arma dos políticos de direita. Sua posição diante disso é de que os ativistas de esquerda não devem abandonar a trincheira digital, mas promover esforços de educação política, tanto on-line quanto off-line, para neutralizar o populismo de direita. Você vê, atualmente, exemplos inspiradores disso, ou esse é um aspecto que deve ainda ser desenvolvido pela esquerda?

PG: Creio que, de maneira geral, ainda há alguma coisa a ser feita. Precisamos de pedagogia política, treinamento político, formar novos quadros digitais, novos agitadores digitais, novos propagandistas digitais, porque a direita agora é hegemônica em muitas mídias sociais. Tomemos, por exemplo, o YouTube: ele está cheio de ideologias de direita, com ativistas da “alt-right”, e eles geralmente são muito jovens, geralmente adolescentes ou com vinte e poucos anos, produzindo vídeos amplamente vistos, com, às vezes, milhões de visualizações, que são muito influentes entre determinados públicos; enquanto a esquerda ainda está, muitas vezes, bastante ligada a um tipo de pensamento antiquado sobre a comunicação política, focando muito na comunicação escrita e não o suficiente na comunicação visual e em vídeo que, acredito, é central nas mídias sociais. Existem muitos exemplos interessantes de ativismo de mídia social que estamos vendo, mídia alternativa, Novara Media, por exemplo, na Grã-Bretanha, e muitos outros grupos que estão fazendo coisas interessantes. Mas diria que ainda há muito a ser desenvolvido, especialmente em termos de formação, dando às pessoas as habilidades, ferramentas e conhecimentos necessários para usar as mídias sociais de maneira eficaz como meio de persuasão política.

MATRIZes: Embora sua proposta seja válida, alguns talvez possam criticá-la, argumentando que, por isso só, ela teria pouco efeito num ambiente de mídia que tende a privilegiar aspectos como a superficialidade, a alta velocidade das informações e a automatização da comunicação humana. Por isso alguns, como Christian Fuchs, respondendo a mesma questão que você, defendem a taxação das plataformas comerciais (Google, Facebook, em particular) para o financiamento de um sistema de público de mídia digital, na Europa. Outros defendem maior regulação da internet – aqui no Brasil esse é um debate importante após a vitória de Bolsonaro, cuja campanha contou com uso significativo de *fake news* propagadas por redes sociais e aplicativos digitais, como o WhatsApp. Como você vê essas questões?

PG: Concordo plenamente com o fato de que as empresas digitais precisam ser tributadas, é um escândalo que empresas como Facebook, Google e Amazon não estejam pagando sua parte justa de impostos e, ao não fazer isso, também estão praticando concorrência desleal com outras empresas. As empresas digitais, mas também as não digitais, como é o caso da Amazon, têm destruído muitas bibliotecas, livrarias e pequenos comércios da economia local em vários países, como vemos em muitas cidades ao redor do mundo, com todo esse fechamento de lojas. Não sei se já é o caso no Brasil, mas, por exemplo, na Europa é muito visível: muitos pequenos comércios são obrigados a fechar porque as pessoas estão comprando coisas na Amazon. E é muito injusto que, embora essas lojas paguem impostos no valor total, muitas vezes a Amazon seja dispensada de pagar a quantidade justa de imposto. Há também a necessidade de regulamentação dessas empresas, elas precisam respeitar a lei local, precisam respeitar a lei do país em que operam. Eles não podem se tornar canais para notícias falsas, para propaganda de discursos de ódio, para violações muito sérias da civilidade e das boas políticas nesses países. Agora, essas empresas estão adotando suas próprias medidas, por exemplo, o Facebook inclui moderadores para avaliar conteúdo sinalizado como tendo discurso de ódio, mas, definitivamente, muito mais precisa ser feito pelo Estado para garantir que essas empresas cumpram as leis locais.

MATRIZes: Fiquei ao mesmo tempo triste e surpreso com a informação, nos agradecimentos de *The mask and the flag* (Gerbaudo, 2017), sobre o assassinato de um estudante de doutorado italiano, no Cairo, em 2016. Alguma vez você sentiu que sua vida corria risco, nos contextos das mobilizações que pesquisou? Se sim, o que fez?

PG: Nunca me senti realmente em perigo, porque, muitas vezes, quando você está em perigo real, não sente, por isso nem expõe com justiça a condição

em que esteve. Obviamente, tendo participado de muitos protestos, inclusive em países com forças policiais fortemente totalitárias, já estive, por vezes, em situações um tanto complicadas, diria. Então você fica, de certo modo, preocupado com o que pode acontecer com você, mas, realmente, creio que há algo bastante significativo, na verdade, quando você está nesses eventos. Não é realmente sobre mim ou sobre um índice de minha relativa coragem ou bravura, mas geralmente quando as pessoas estão nessas situações, elas não têm medo, porque, de certa forma, você realmente não tem controle sobre nada. Quando você está em uma situação de multidão, quando você está em uma situação em que algum conflito com a polícia pode acontecer ou você pode estar sujeito a qualquer risco, é algo notável nos seres humanos: eles não têm tanto medo quanto se poderia imaginar. Por que é assim? Isso é algo interessante sobre a individualidade e a coletividade. Em uma entrevista no Cairo, uma mulher me disse que, quando ela estava no meio da multidão, era como se a autopercepção individual dela tivesse desaparecido. Ela estava em uma situação muito perigosa, no dia 28 de janeiro de 2011, atravessando uma ponte no momento em que muitas pessoas foram mortas e ela foi empurrada pela multidão. Ela não teve escolha senão ir na direção de que vinha o perigo, mas, fundamentalmente, ela disse que não estava mais lá, fazia parte de uma multidão. Ela fazia parte de um corpo social. Portanto, de certa forma, ela não estava pensando em sua morte ou no risco para seu corpo, ela estava pensando mais em “Eu sou parte dessa massa de pessoas e farei o que acontecer, porque, em última análise, não é realmente uma escolha, não posso escapar, quero estar aqui e fazer o que for necessário”. Para os pesquisadores sociais os riscos estão mais distantes do que para os ativistas reais, que estão no centro desses eventos. Lamento muito o que aconteceu com muitas pessoas em alguns desses países, pessoas sujeitas a detenção, prisão ou exílio. É muito triste, mostra como a política muitas vezes afeta a vida das pessoas. Podem ser as guerras, pode ser a morte, outras pessoas podem ser mutiladas; por exemplo, muitas pessoas no movimento “Gilets jaunes” perderam a vista ou ficaram incapacitadas por participarem de protestos, outras pessoas escaparam do país ou foram forçados a se afastar, ou acabaram caindo em depressão ou se viciando em drogas. Portanto, existe uma espécie de triste situação que, de qualquer forma, é o custo da política.

MATRIZes: Pesquisar mobilizações que sofrem repressão pode gerar conflitos éticos no pesquisador, entre o que mostrar e o que ocultar, para segurança dos informantes. Alguma vez você já se debateu com esse tipo de dilema?

PG: Diria que, em minha pesquisa, tento não falar sobre coisas que podem ser controversas, então acho que é uma escolha de segurança, também

dos movimentos. Basicamente, dedico-me apenas a discutir aspectos de movimentos sociais que são públicos; que são, de certa forma, não violentos, também porque esses movimentos que estudo eram em maioria não violentos, não eram movimentos que estavam envolvidos em violência maciça. Por isso, não estava sendo confrontado por dilemas éticos. Outras situações podem colocar problemas éticos mais sérios, mas creio que com os movimentos que estudei não foi exatamente o caso.

MATRIZES: Seus trabalhos empíricos de mais fôlego parecem valorizar certo “artesanato” no trabalho do pesquisador. Isso é algo que você busca de fato? Delega tarefas, como entrevistas, a outras pessoas, durante as investigações, ou tende a procurar ter controle total sobre os dados? Se vê trabalhando em projetos de equipe?

PG: Adoraria trabalhar em um projeto de equipe, o problema é que nunca recebi financiamento para isso. Então, na maioria das vezes, trabalho individualmente, em parte porque, apesar de ter solicitado várias vezes um financiamento para pesquisas desse tipo, nunca consegui realmente obtê-lo. Acredito que há muito valor no trabalho colaborativo, no trabalho em equipe, com outras pessoas, na coleta de dados. Obviamente, também há problemas com isso, no sentido de que é mais difícil e talvez seja uma tarefa mais lenta chegar a um acordo para a interpretação desses movimentos. É mais complexo, exige muito trabalho organizacional-administrativo para gerenciar grandes projetos, e também é difícil em termos de autoria, especialmente para escrever monografias; escrever livros coletivos, é bastante difícil. Muitas vezes, isso não é valorizado pelo sistema de publicação, porque existe essa ideia de “autor único”: um cérebro que vê e interpreta tudo. Mas acho que existem maneiras muito férteis pelas quais o trabalho coletivo sobre os movimentos sociais pode se desenvolver e ajudar na compreensão coletiva dos fenômenos sociais.

MATRIZES: Quais são seus atuais projetos de investigação?

PG: Atualmente, estou trabalhando em um livro mais teórico, um livro sobre teoria política na era populista, no sentido da era posterior à era neoliberal da globalização, seria chamada de era pós-globalização ou pós-neoliberal. A época em que vivemos, Deus sabe desde quando, talvez desde 2010, 2011, logo após a crise financeira que continua agora e se tornará mais aparente ainda no cenário político com a nova crise, porque significa que a crise de saúde do vírus corona, o que realmente preocupa são os efeitos econômicos. E os efeitos disso provavelmente se tornarão severos para o sistema financeiro, para a economia global e, infelizmente, teremos consequências muito ruins na vida das

pessoas, com empresas falindo, pessoas sendo demitidas, governos afundando em dívidas. Assim, não sabemos, todos desejamos que nada de ruim aconteça, mas, pelo que parece, pode haver algumas consequências econômicas bastante graves. Essa roda provavelmente projetará mais longe a crise conjuntural do capitalismo e provavelmente deixará mais pessoas irritadas com o sistema. Elas estão insatisfeitas com o sistema porque não têm emprego, não têm meios de subsistência, segurança econômica ou previdência social. Portanto, minha previsão é que provavelmente veremos um crescimento de descontentamento nos próximos anos e um crescimento maior desse tipo de crise orgânica, neste momento, populista, à medida que as pessoas percebem que a globalização é, de certa forma, defeituosa, que nós estamos caminhando para um mundo pós-globalização, no qual essas cadeias globais de valor muito longas – a fabricação na China, o design nos Estados Unidos e a mineração no Congo – estão se tornando mais insustentáveis economicamente, mais arriscadas e mais inseguras. Na minha perspectiva, e essa é basicamente a afirmação fundamental do livro, a prioridade da política está mudando, as questões-chave na política contemporânea são proteção e controle. A proteção é uma demanda da sociedade, para defender a capacidade da sociedade de sobreviver e se reproduzir, mantendo um senso de estabilidade e propósito comum. E o controle, como a capacidade das comunidades políticas de exercer e influenciar em seu destino coletivo, certo? Algo que a globalização está ameaçando. Essas duas demandas, proteção e controle, estão se tornando centrais na agenda política. Nós as vemos sendo mobilizadas o tempo todo, os meios de comunicação, políticos, tanto da esquerda quanto da direita, estão frequentemente falando sobre proteção, lemos que as pessoas querem ser protegidas. Então, o que o livro tenta fazer é desenvolver uma compreensão filosófica sobre o que é esse discurso, o que ele nos diz sobre o mundo embrionário, agora, que está emergindo, lenta e dolorosamente, dessas crises. Além disso, quanto aos projetos, ainda estou trabalhando em mídias sociais e populismo, analisando mídias sociais de vários movimentos políticos e isso é algo que quero desenvolver mais no futuro, analisando a natureza da esfera pública na era das mídias sociais e seu tipo de lógica central e como ela difere das esferas públicas pré-digitais. ■

REFERÊNCIAS

- Bennet, W. L., & Segerberg, A. (2013). *The logic of connective action: Digital media and the personalization of contentious politics*. Nova York, NY: Cambridge University Press.
- Castells, M. (1996). *The rise of the network society*. Malden, MA: Blackwell.

- Castells, M. (2009). *Communication power*. Oxford, Inglaterra: Oxford University Press.
- Castells, M. (2012). *Networks of outrage and hope: Social movements in the internet age*. Cambridge, Inglaterra: Polity.
- Gerbaudo, P. (2012). *Tweets and the streets: Social media and contemporary activism*. Londres, Inglaterra: Pluto.
- Gerbaudo, P. (2015). Protest avatars as memetic signifiers: Political profile pictures and the construction of collective identity on social media in the 2011 protest wave. *Information, Communication & Society*, 18(8), 916-929. doi: 10.1080/1369118X.2015.1043316
- Gerbaudo, P. (2017). *The mask and the flag: Populism, citizenism and global protest*. Nova York, NY: Oxford University Press.
- Gerbaudo, P. (2019). *The digital party: Political organisation and online democracy*. Londres, Inglaterra: Pluto.
- Hall, N. (2019). Paolo Gerbaudo, *The digital party: Political organisation and online democracy*. *International Sociology*, 34(5), 624-628. doi: 10.1177/0268580919870741
- Hardt, M., & Negri, A. (2000). *Empire*. Cambridge, MA: Harvard University Press.
- Hardt, M., & Negri, A. (2005). *Multitude: War and democracy in the age of empire*. Nova York, NY: Penguin Books.
- Richeri, G. (2019). China: problemas emergentes e medidas para orientar a opinião pública e combater a dissidência. *MATRIZes*, 13(2), 13-25. doi: 10.11606/issn.1982-8160.v13i2p13-25